

2

"A Igreja Amigável"

Durante certa reunião de pastores e oficiais de igreja, os presentes, um após outro, questionaram o valor das reuniões de oração. Todos confessaram que poucos crentes participavam delas; e vários reconheceram, sem qualquer contrição, que já haviam desistido de tais reuniões. O que isto significa? Estão as igrejas vivenciando uma condição saudável ao terem apenas uma reunião de oração por semana e serem poucos que a freqüentam?

*Charles Haddon Spurgeon*¹

A igreja contemporânea está passando por uma revolução sem precedentes, desde a Reforma Protestante, em seus estilos de adoração. O ministério das igrejas casou-se com a filosofia de marketing, e o "filhote monstruoso" dessa união é um diligente esforço para mudar a maneira como o mundo enxerga a igreja. O ministério da igreja está sendo completamente renovado, na tentativa de torná-lo mais atraente aos incrédulos.

Os especialistas nos dizem que pastores e líderes de igrejas que desejam ser mais bem-sucedidos precisam concentrar suas energias nesta nova direção. Forneça aos não-cristãos um ambiente inofensivo e agradável. Conceda-lhes liberdade, tolerância e anonimato. Seja sempre positivo e benevolente. Se for necessário pregar um sermão, torne-o breve e recreativo. Não pregue longa e enfaticamente. E, acima de tudo, que todos sejam entretidos. As igrejas que seguirem estas regras experimentarão crescimento numérico, eles nos afirmam; e as que as ignorarem estão fadadas à estagnação.

As inovações que estão sendo tentadas são extraordinárias e, até mesmo, radicais. Algumas igrejas, por exemplo, realizam seus maiores cultos na sexta ou sábado à noite, em vez de no domingo. Tais cultos são repletos de música e entretenimento, oferecendo às pessoas verdadeiros substitutos ao teatro e às atividades sociais. Os membros de igreja agora podem "cumprir sua obrigação de ir à igreja", ficando livres para usarem o fim-de-semana como quiserem. Um desses freqüentadores de cultos aos sábados explicou por que esses cultos alternativos são tão importantes: "Se você vai à escola dominical às 9:00 e ao culto das 11 :00 horas, acaba saindo da igreja perto das 13:00 horas da tarde; isto praticamente liquida o dia".²

A julgar pela freqüência aos cultos, *muitos* dos membros de igreja sentem que passar o Dia do Senhor na igreja equivale a desperdiçar o domingo por completo. Os cultos não-dominicais, em algumas igrejas, estão sendo mais freqüentados do que aqueles que tradicionalmente ocorrem aos domingos.

E isso não é tudo. Muitos desses cultos alternativos não oferecem qualquer tipo de pregação. Em lugar disso, dependem da música, dramatização, multimídia e outros meios de comunicação para transmitir a mensagem. "Esta é a geração que cresceu aos pés da televisão", afirmou certo pastor à revista *Time*. "É preciso apresentar-lhes a religião de uma forma criativa e visual." Algumas igrejas estão levando essa filosofia a um passo além, eliminando completamente a pregação do culto matinal de domingo.

Até mesmo a música e a dramatização são cuidadosamente escolhidas para que os incrédulos sintam-se bem. Nada, praticamente: é dispensado como impróprio para o culto: rock nostálgico, os ritmos disco, heavy metal, rap, dança, comédia, palhaços, mímica e magia teatral; tudo se tornou parte do repertório evangélico. Aliás, uma das poucas coisas que é considerada como inadequada é a pregação clara e poderosa.

A questão é que se pretende tornar a igreja "user-friendly", ou seja, "amigável". Esse termo vem da indústria informática e foi primeiramente aplicado para descrever um "software" ou um "hardware" que é de fácil operação para o iniciante em computação. Aplicado à igreja, costuma descrever um tipo de ministério que é benigno e extremamente não-desafiador. Na prática, torna-se uma desculpa para se importar os entretenimentos

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

mundanos para dentro da igreja, na tentativa de atrair os não-freqüentadores de igreja que estão "à procura de algo", através de um apelo aos interesses carnis. O resultado óbvio dessa preocupação com os que não são da igreja é uma correspondente falta de cuidado para com aqueles que são a verdadeira igreja. As necessidades espirituais dos crentes geralmente são negligenciadas, e isso prejudica a igreja.

Batendo no Púlpito?

Isto não significa que a pregação tenha sido, de todo, abandonada. Algumas dessas "igrejas amigáveis" têm ao menos um culto semanal (geralmente no meio da semana) onde o sermão é o enfoque central. Porém, até mesmo nessas reuniões, ao invés de ser bíblico, freqüentemente o estilo é psicológico ou motivador. Acima de tudo, coloca-se a ênfase na facilidade de aceitação. Há pouco tempo li uma grande quantidade de artigos de jornais e revistas que tratavam do fenômeno da "igreja amigável", e um pensamento comum começou a manifestar-se. Apresento a seguir algumas citações daqueles recortes, que descrevem a pregação em uma "igreja amigável":

"Aqui não há fogo nem enxofre. Nada de pressionar as pessoas com a Bíblia. Apenas mensagens práticas e divertidas."

"Os cultos em nossa igreja (nome da igreja em questão) trazem consigo um ar de informalidade. Você não verá os ouvintes sendo ameaçados com o inferno ou sendo considerados como pecadores. O objetivo é fazer com que se sintam bem-vindos, não de afastá-los."

"Como acontece com todos os pastores, a resposta (deste pastor) é Deus - mas ele O menciona apenas no final e o faz sem muita seriedade. Nada de discursos; nada de altos brados. Nem fogo, nem enxofre. Ele nem usa a palavra que começa com a letra 'i'. Nós chamamos isto de evangelho *light*. É a mesma salvação oferecida pela velha e boa religião, antiga mas com um terço a menos de culpa."

"Aqui os sermões são relevantes, otimistas e, o melhor de tudo, curtos. Você não ouvirá muita pregação a respeito do pecado, da condenação e do fogo do inferno. A pregação aqui nem se parece com *pregação*. É uma conversação sofisticada, polida e amigável. Quebra todos os padrões estereotipados."

"O pastor está pregando mensagens bastante atuais ... mensagens de salvação, mas a idéia não é tanto de salvação do fogo do inferno. Pelo contrário, é salvação da falta de significado e de propósito nesta vida. É uma mensagem mais *soft*, de mais fácil aceitação."

"Nosso objetivo, diz o pastor, é que as pessoas entrem pela porta da frente e, então, tirem de suas mentes aquela idéia do pregador que transpira, afrouxa a gravata, pressiona as pessoas usando a Bíblia, que grita e esbraveja acerca de perecer no inferno por toda a eternidade."

Portanto, as novas regras são: seja esperto, informal, positivo, sucinto e amigável. Jamais afrouxe a gravata. Não deixe o auditório ver o seu suor. E jamais, jamais, use a palavra "inferno".

A maior parte destas citações representa o que observadores externos têm dito acerca das "igrejas amigáveis" e não como essas próprias igrejas vêem seus ministérios. Quase todas diriam com veemência que não menosprezam ou negam qualquer ponto da doutrina evangélica. Aliás, o "best-seller" de George Barna, intitulado *User-Friendly Churches (Igrejas Amigáveis)* inclui o seguinte desagravo, mencionando-o duas vezes: "Nenhuma das igrejas bem-sucedidas descritas neste livro está interessada em ser amigável no sentido de comprometer o evangelho ou a fé histórica da igreja, tão-somente para se tornar aceitável à época".³

Mas, de fato, a verdade das Escrituras está sendo comprometida, ao ser descentralizada e quando, para forjar uma amizade com o mundo, verdades duras são evitadas, diversões insípidas tomam o lugar da sã doutrina e uma verdadeira ginástica semântica é utilizada a fim de evitar a menção das verdades severas das Escrituras Sagradas. Se o objetivo é fazer sentir-se bem aquele que está à procura de algo, porventura isso não é incompatível com o ensinamento bíblico acerca do pecado, do juízo, do inferno e de vários outros assuntos importantes? Assim, por intermédio dessa filosofia a

mensagem bíblica é irremediavelmente distorcida. E o que dizer sobre o crente que precisa ser alimentado?

Por favor, entendam bem, pois não estou afirmando que os pregadores *precisam* transpirar, mostrarem-se rudes, bombásticos e extravagantes, gritando, bradando, esmurrando o púlpito e dando socos na Bíblia. Mas encaremos o fato que, exceto em alguns círculos mais restritos de grupos ultra-fundamentalistas, tais pregadores são raros nos dias de hoje. A imagem de um pregador esmurrando a Bíblia se tornou um estereótipo comum usado com bastante frequência contra aqueles que simplesmente crêem que a proclamação objetiva e direta da verdade é mais importante do que fazer com que o "não-freqüentador-de-igreja" sintam-se em casa.

A fraqueza da pregação em nossos dias não brota de lábios excêntricos e frenéticos que discursam sobre o inferno; resulta de homens que comprometem a mensagem e temem proclamar a Palavra de Deus com poder e convicção. A igreja certamente não manifesta uma superabundância de pregadores sinceros e objetivos; de fato, ela parece repleta de ministros que adulam os homens (cf. Gl 1.10).

O CLIENTE É SOBERANO

No âmago da filosofia da "igreja amigável", movida a marketing, está o objetivo de oferecer às pessoas o que elas desejam. Os que advogam essa postura são bastante honestos quanto a isso. No capítulo 1, eu disse que a satisfação do cliente é o objetivo declarado desta nova filosofia. Um dos principais livros acerca do ministério norteado por marketing afirma: "Isto é o que significa marketing na igreja: apresentar o nosso produto (relacionamentos) como uma solução para as necessidades das pessoas".⁴

"As necessidades sentidas" funcionam como um orientador para o plano moderno de marketing na igreja. E a idéia equivale a um princípio elementar de vendas: satisfazemos um desejo existente em lugar de persuadirmos as pessoas a comprarem o que não querem.

Avaliar com exatidão as necessidades das pessoas é, portanto, considerada uma das chaves para o crescimento no movimento moderno de crescimento de igrejas. Ensina-se aos líderes da igreja a pesquisarem os "consumidores" em potencial, para se descobrir o que estes procuram em uma igreja - e, então, oferecerem exatamente isso. Informação demográfica, pesquisas acerca da comunidade, pesquisas de porta em porta e questionários respondidos pela congregação são as novas ferramentas de trabalho. A informação obtida dessas fontes é considerada *essencial* para se elaborar um plano de marketing funcional. Pastores, hoje em dia, ouvem que é impossível alcançarmos pessoas eficazmente sem utilizar essa metodologia.

Pior ainda, parece que as "necessidades emocionais" das pessoas são levadas mais a sério do que as (não percebidas, mas verdadeiras) deficiências espirituais sobre as quais falam as Escrituras. "Necessidades sentidas" inclui assuntos como solidão, medo do fracasso, dependência, auto-imagem negativa, depressão, ira, mágoas e outros problemas semelhantes voltados para o interior da pessoa. Algumas dessas necessidades são genuínas, outras são criadas pela psicologia de vendas. Dizem-nos que esses problemas estão por trás dos vícios com drogas e sexo e por trás de dezenas de outras síndromes. Enquanto o problema *verdadeiro* - a raiz de todos esses males, é a depravação humana, um assunto que é cuidadosamente evitado (embora dificilmente seja negado publicamente) nos ensinamentos da "igreja amigável".

Pastores não são mais instruídos a declarar às pessoas o que Deus requer delas. Em lugar disso, são aconselhados a descobrir quais são as exigências das pessoas e fazer o que for necessário para satisfazer essas necessidades. O público é reputado como soberano, e um pregador sábio "haverá de moldar sua comunicação de acordo com as necessidades do povo, de forma a obter a resposta desejada".⁵

O efeito de tal filosofia é evidente; os púlpitos estão cada dia mais repletos de "pastores que buscam o povo". Além disso, as Escrituras são sobrepujadas por um plano de marketing que se torna um guia definitivo para o ministério. Um dos livros acerca de marketing na igreja diz o seguinte: "O plano de marketing é a bíblia do jogo de marketing; tudo que acontece na vida do produto ocorre porque o plano assim o quer".⁶ Aplicado ao

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

ministério da igreja, isso significa que a estratégia humana, e não a Palavra de Deus, torna-se a fonte de toda atividade eclesial e o padrão pelo qual o ministério é avaliado.

Esta maneira de abordar o ministério é tão desvirtuada e tão grosseiramente antibíblica, que me surpreendo ao ver tantos pastores deixarem-se influenciar por ela. Entretanto, já se tomou uma filosofia extremamente influente. Milhares de igrejas reformularam por completo seus ministérios e agora estão tentando satisfazer as massas.

Aliás, o movimento da "igreja amigável" adquiriu tal amplitude que muitos jornais seculares já perceberam a tendência. Um artigo escrito no *Los Angeles Times* relatou como uma megaigreja surgiu a partir de uma pesquisa direcionada por um "estudo de marketing" feito de porta em porta, quando essa igreja ainda não era organizada oficialmente. Apropriadamente, o título do artigo era "Pesquisa de Consumidor dá Forma à Igreja". A história descreve como o pastor "elaborou o programa da igreja de modo a satisfazer as necessidades e reclamações que as pessoas registraram na pesquisa feita de porta em porta".⁷ Naturalmente, o artigo mencionou que a mensagem desse pastor é curta, branda, positiva e tópica, com títulos tais como "Mudando o Sonho Americano". Ele tempera seus pequenos sermões, utilizando citações de jornais e revistas sobre finanças.

Outro jornal do sul da Califórnia escreveu um artigo intitulado "Marketing the Maker", ou seja, "Comercializando o Criador". Ele descreve várias igrejas locais que puseram em prática a filosofia do direcionar-se pelo marketing e que parecem estar crescendo assustadoramente. Certa igreja "comprou um espaço de tempo em algumas emissoras de rádio especializadas em rock, a fim de divulgar seu anúncio, que parecia mais um convite para se freqüentar um clube social do que para se congregar em uma igreja. E, no jornal, os anúncios destas igrejas não foram colocados na seção de religião, e, sim, na de entretenimentos".⁸

É claro que não há nada de errado com o fato de uma igreja anunciar suas atividades na seção de entretenimentos de um jornal. Mas é errado uma igreja prometer e realizar um "culto" que não passa de mero entretenimento. E é precisamente isso que muitas igrejas estão fazendo. "Uma celebração, e não um culto", é como uma dessas igrejas promove suas reuniões, que acontecem adequadamente em um cinema.

Uma dessas "igrejas" conseguiu levar a idéia à sua conclusão lógica - "um culto de igreja criado para a televisão. Nosso santuário não tem bancos ... nosso santuário é a televisão do espectador".⁹ Criado pelo fundador da *Home Shopping Network*, o programa "Adoração" é um "culto cristão ininterrupto", transmitido durante 24 horas por dia. Pergunta-se: Como pode uma "igreja" assim oferecer uma comunhão significativa? Os fundadores do "Adoração" sentem que isso está sob controle: "No programa 'Adoração', a comunhão é uma parte importante de cada culto, mas isso também é realizado de forma singular, através dos modernos meios de comunicação ... 'Adoração' emprega a última palavra em tecnologia telefônica digital, que permite aos espectadores de todas as partes do país entrarem rapidamente em contato com um parceiro de comunhão".¹⁰

Dessa forma, o "cliente" atinge a soberania plena. Se ele não gosta do que vê, é só desligar o televisor. Se não está apreciando a "comunhão", precisa apenas desligar o telefone.

Virando de Cabeça Para Baixo a Teoria de Crescimento da Igreja

As Escrituras dizem que os primeiros cristãos viraram o mundo de cabeça para baixo (At 17.6). Em nossa geração, o mundo está virando a igreja de cabeça para baixo. Biblicamente falando, Deus é soberano, não o incrédulo que não freqüenta a igreja. A Bíblia, e não o plano de marketing, deve ser o único guia e a autoridade final para todo o ministério eclesial. Em vez de acalantar o egoísmo das pessoas, o ministério da igreja deveria atender às verdadeiras necessidades delas. O Senhor da igreja é Cristo e não um "Zé da poltrona" com um controle remoto nas mãos.

Não consigo ouvir a expressão "igreja amigável" sem que isso me traga à mente a passagem de Atos 5 e a história de Ananias e Safira. O que se passou naquela ocasião desafia abertamente quase toda a teoria contemporânea de crescimento da igreja. A igreja de Jerusalém não era nem um pouco "amigável". Aliás, era exatamente o oposto. Lucas nos informa que esse episódio inspirou "grande temor a toda a igreja e a todos os que

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

ouviram a notícia destes acontecimentos" (At 5.11). O culto daquele dia foi tão perturbador, que nenhum dos que não freqüentavam a igreja ousou juntar-se a eles. O só pensar em freqüentar aquela igreja aterrorizava o coração daquelas pessoas, apesar de os terem em alto conceito (At 5.13). A igreja, sem dúvida alguma, não era um lugar para os pecadores sentirem-se à vontade, era um lugar que causava medo!

Consideremos esta passagem atentamente e procuremos entendê-la em seu contexto apropriado. Para isto, é necessário voltarmos a Atos 4. Lembre-se de que a igreja era recém-nascida e existia em toda a sua imaculada beleza, frescor e vitalidade. Ainda estava livre de máculas produzidas por qualquer pecado grosseiro ou por fracasso humano. O povo estudava intensamente a doutrina dos apóstolos. Aqueles primeiros dias da história da igreja eram dias promissores e felizes, repletos de amor e de comunhão verdadeira. A alegria era intensa, e o amor, profundo, envolvendo todos; conseqüentemente, o testemunho deles ecoava alto e claro. Os resultados mostravam que um número de quinze a vinte mil pessoas vieram à fé em Cristo, em apenas algumas semanas. Satanás, através da perseguição, já havia tentado frustrar o propósito da igreja. Contudo, não surtiu efeito; os crentes apenas oraram, suplicando mais ousadia. Deus respondeu-lhes a oração, e mais pessoas foram salvas. Naqueles dias, Deus era bastante real, Cristo estava bem vivo e o Espírito Santo revelou-Se em grande poder.

Mas Satanás já estava tramando um ataque mais perigoso. Se ele não conseguia destruir a igreja por meio de qualquer ataque externo de perseguição, tentaria a abordagem mais sutil de um ataque interno. E foi exatamente isso que aconteceu.

Pecado no Arraial

Esta é a primeira ocorrência de pecado que as Escrituras relatam ter acontecido na igreja. E de todas as primeiras ocorrências, no livro de Atos, esta é a mais triste. A estratégia de Satanás para penetrar na igreja iniciou-se nesta ocasião e continua até hoje.

Esse episódio é um exemplo clássico da inflexível honestidade da Bíblia. Deus poderia nos ter dado uma visão branda da igreja, ocultando todas as suas imperfeições. As Escrituras, entretanto, jamais deixam a verdade de lado, ainda quando esta é dolorosa e desagradável. A igreja não é perfeita, nunca o foi. Algumas pessoas usam este fato como desculpa para manterem-se afastados da igreja, dizendo: "Eu gostaria de freqüentar uma igreja, mas há muitos hipócritas ali". Nesse caso, eu penso: *Venha, temos lugar para mais um*. Esta objeção, em si mesma, é hipócrita. É lógico que há hipócritas na igreja. Essa é uma das verdades que aprendemos desse relato de Atos 5. De certa forma, esta passagem bíblica pode nos servir de encorajamento. Não significa que somos encorajados pelo pecado. Mas é encorajador saber que a igreja em seus primórdios defrontou-se com os mesmos tipos de problemas que enfrentamos hoje.

Até mesmo o apóstolo Paulo, em algumas ocasiões, parece ter sido desanimado pelos problemas que encontrou nas igrejas daquela época. Em 2 Coríntios 11.24-27, ele nos fornece uma lista dos tipos de provações e perseguições que teve de suportar:

Cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoites menos um. Três vezes fui golpeado com vara, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez.

E, concluindo, ele acrescenta a maior de todas as provações: "Além disso, enfrento diariamente uma pressão interior a saber a minha preocupação com todas as igrejas" (2 Co 11.28 -' NVI). Ele não estava falando a respeito de problemas administrativos mas a respeito de sua luta para levar os crentes à maturidade.

Começando com esse incidente em Atos 5, os pecados dos santos se tornaram um problema perpétuo para a igreja. Cada epístola que Paulo escreveu no Novo Testamento, incluía alguma conseqüência maior do pecado na igreja. Em Romanos 16.17-18, ele escreveu: "Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles. Pois

essas pessoas não estão servindo a Cristo nosso Senhor, mas a seus próprios apetites. Mediante palavras suaves e bajulação enganam os corações dos ingênuos" (NVI). A Igreja de Corinto estava inundada em problemas: divisões, contendas, imoralidade, uso inadequado dos dons espirituais, etc. Os gálatas estavam sendo tolerantes para com a falsa doutrina e o legalismo (cf. Gl 3.1-4). Paulo teve de suplicar aos crentes de Éfeso que andassem de maneira digna do chamado que haviam recebido, a serem humildes e gentis, suportando com paciência uns aos outros, em amor e sendo diligentes na preservação da unidade do Espírito no vínculo da paz (Ef 4.1-4). Precisou rogar aos filipenses que tivessem o mesmo modo de pensar, estivessem unidos na paz, dedicando-se a um só propósito (Fp 2.1-2). Até citou duas mulheres, Evódia e Síntique, as quais ele gostaria de ver relacionando-se bem uma com a outra (Fp 4.2-3). Em Colossenses 3, o apóstolo repete toda uma lista de deficiências espirituais, finalizando-a com um mandamento para aqueles crentes purificarem suas vidas. Paulo travou uma guerra implacável contra o pecado na igreja.

Uma Comunidade Compartilhadora

A igreja havia iniciado como uma comunidade compartilhadora. Atos 4.32-37 afirma:

Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham. Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles. Não havia pessoas necessitadas entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e o colocavam aos pés dos apóstolos, que o distribuíam segundo a necessidade de cada um. José, um levita de Chíprie a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé (que significa Filho da Consolação), vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos (NVI).

Tinham Verdadeira Unidade Espiritual

A congregação desabrochava e florescera, ao ponto de incluir milhares de pessoas, e continuamente se multiplicava. Apesar disso, "uma era a mente e um o coração". Não se tratava apenas de pertencerem à mesma organização, e, sim, de possuírem verdadeira unidade espiritual. Manifestavam unidade em seu crer e pensavam com unanimidade. Eram, no sentido mais pleno da expressão, um corpo, um organismo com uma só alma e um só palpar de coração (cf. Fp 1.27). Preocupavam-se uns com os outros e com ganhar o mundo para Cristo. Estavam ocupados demais com essas prioridades, não encontrando ocasião para se preocuparem consigo mesmos. Todos cuidavam uns dos outros, de forma que as necessidades de todos eram supridas. O egoísmo, portanto, era considerado desnecessário. Que linda preocupação! Quão doce e rica deve ter sido a comunhão deles!

Compartilhavam Todas As Suas Posses

Muitos entendem incorretamente esta passagem. "Compartilhavam tudo o que tinham" não significa que eles viviam em uma comuna. Lembre-se que, durante o Pentecostes, Jerusalém ficava cheia de peregrinos que vinham para a festa. Por ocasião das festividades religiosas, Jerusalém chegava a abrigar cerca de um milhão de pessoas. Estas obviamente, precisavam de casa e comida, visto que não havia hospedarias suficientes para acomodar toda essa multidão. Por isso, os crentes costumavam abrir suas casas e permitir que outras pessoas convivessem ali com eles. Inesperadamente, no Pentecostes daquele ano, centenas de pessoas abraçaram a fé em Cristo e começaram a ganhar seus amigos e familiares para Cristo. E certo que muitos desses permaneceram em Jerusalém, a fim de aprenderem o ensino dos apóstolos.

As pressões financeiras sobre essas pessoas e seus hospedeiros deve ter sido tremenda. Além disso, existia muita gente pobre em Jerusalém. O ganho de muitos crentes provavelmente sofreu cortes, quando eles testemunharam a sua fé em Jesus. Para contornar essa situação, todos os crentes estavam dispostos a compartilhar o que

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

possuíam.

Não era uma comuna. Eles não haviam se retirado da sociedade abandonado seus empregos, estabelecido uma bolsa comum, passando a viver em um edifício ou acampamento comum. Atos 2 descreve o que eles estavam fazendo:

Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava todos os dias os que iam sendo salvos (At 2. 44-47 - NVI).

Isto era uma comunidade espiritual, não um claustro. Os crentes ainda tinham suas próprias casas, pois continuavam partindo "o pão em suas casas" (v. 46), ou seja, participavam da ceia em casas particulares. "Vender" e "distribuir", no verso 45, são verbos que se encontram no tempo perfeito, sugerindo que o vender e o partilhar ocorriam a todo tempo. Não houve um dado momento em que a comunidade vendeu tudo o que possuía e reuniu todos os recursos. Havia um processo contínuo no qual os que possuíam recursos partilhavam-nos com os crentes que não os tinham. Eles não viviam abrigados em uma comuna, tampouco ergueram barracas para acomodar a todos. Isso teria arruinado a prioridade da unidade da família, prioridade esta que foi ordenada por Deus, que designou a família para ser independente e funcionar como os tijolos que constituem a sociedade e como instrumento para transmitir a verdade e a justiça de uma geração para outra.

As pessoas vendiam suas posses - seus bens móveis e imóveis - e compartilhavam o produto, ao saberem que outros estavam em necessidades. Paulo ordenou que o contribuir fosse realizado com este mesmo espírito. Ele instou os coríntios a serem generosos em contribuir para as necessidades dos santos na Macedônia, dizendo: "A fartura de vocês suprirá a necessidade deles, para que, por sua vez, a fartura deles supra a necessidade de vocês. Então haverá igualdade" (2 Co 8.14 - NIV). Isto é diferente daquilo que fazemos hoje? Não, se nossas igrejas forem sadias. Os cristãos, ao encontrarem um irmão ou uma irmã enfrentando necessidades, devem ter um desejo natural de supri-las (cf. 1 Jo 3.16). Isto é o que os primeiros cristãos estavam fazendo. Os que vendiam seus bens faziam-no espontaneamente. Este fato se toma um ponto crucial, ao analisar o pecado de Ananias e Safira.

ERAM ALIMENTADOS POR PREGAÇÃO PODEROSA

"Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus" (At4.33 - NVI). A pregação era ousada e poderosa. Eles não se envergonhavam do evangelho, embora houvesse muita perseguição naqueles dias. Aliás, o texto revela explicitamente que pregavam a respeito da ressurreição. Esta era a verdade que lhes estava causando problemas. No início desse mesmo capítulo de Atos, aprendemos que os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus, que "estavam muito perturbados pelo fato de os apóstolos estarem ensinando o povo e proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos" (At 4.2 - NVI), agarraram Pedro e João e os colocaram na prisão. Pedro e João não estavam procurando ganhar a aprovação dos saduceus e dos sacerdotes por pregarem a mensagem que estes queriam ouvir! Eles corajosamente proclamaram aquilo que mais ofendia àqueles homens! Recusaram-se a minimizar as grandes doutrinas da Palavra de Deus a fim de livrarem-se da ofensa. Jamais deixaram de pregar a mensagem bíblica porque esta poderia ofender a alguém.

O ministério de pregação dos apóstolos incluía doutrina assim como evangelismo. Atos 2.42 (NVI) declara que os crentes "se dedicavam ao ensino dos apóstolos". Esse rebanho era bem nutrido, mas, ao mesmo tempo, voraz.

A igreja de Jerusalém deve ter sido um excelente lugar de comunhão. Eles não seguiram qualquer das agradáveis técnicas de marketing da atualidade, mas, sim, uma comunhão calorosa e verdadeira. De forma amorosa, supriam as verdadeiras necessidades uns dos outros. Eles contavam com um ensino rico e amplo. Atos 2.42 nos conta que "eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações". *Nada disso foi planejado com o intuito de atrair os incrédulos.* Não obstante,

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

novas pessoas continuavam a se converter, e o Senhor continuava acrescentando à igreja, dia após dia, os que iam sendo salvos (At 2.47).

UM MODELO POSITIVO

Lucas relata como os recursos eram partilhados entre os crentes necessitados. Os que tinham propriedades e posses em excesso venderam-nas e trouxeram o dinheiro dessa venda aos pés dos apóstolos (At 4.34,35). Os apóstolos distribuíam os recursos aos que estavam em necessidade. Através desse sistema bem simples, todas as necessidades foram supridas (v. 34). Em essência, é o mesmo sistema que usamos hoje, ao recebermos uma oferta na igreja. O dinheiro é colocado em um fundo, o qual os líderes da igreja têm a responsabilidade de administrar.

Barnabé é o exemplo específico que Lucas escolheu para apresentar como modelo espiritual. *Barnabé* era um apelido que significava "filho da consolação". Aparentemente, esse homem, "José, um levita de Chipre", tinha o dom da consolação, então lhe foi dado um apelido apropriado. Mais tarde, Barnabé acompanhou Paulo em sua primeira viagem missionária.

Barnabé era um levita, membro da tribo sacerdotal de Israel. É improvável que ele, um sacerdote, tenha sido um homem rico. De alguma forma, entretanto, adquirira uma propriedade. Vendeu-a e trouxe o dinheiro para os apóstolos distribuírem. Ele não pediu reconhecimento, não procurou controlar a maneira como o dinheiro seria utilizado. Simplesmente o entregou. O que fica evidente em Atos 4 é que Barnabé fez essa oferta com amor, que partiu de um coração puro, motivado tão-somente pela bênção de contribuir. E podemos pressupor que muitos outros da igreja de Jerusalém fizeram o mesmo.

Mas nem todos agiram segundo o exemplo de Barnabé. A história que vem a seguir estabelece um surpreendente contraste à situação da igreja em Atos 4. É chocante encontrarmos pecado nessa igreja. É estupeficante contemplarmos a descarada falsidade que Ananias e Safira tramaram contar. E, acima de tudo, é surpreendente o quão severamente Deus lidou com o pecado deles:

Um homem chamado Ananias, juntamente com sua esposa Safira, também vendeu uma propriedade. Ele reteve parte do dinheiro para si, sabendo disso também sua mulher; e o restante levou e colocou aos pés dos apóstolos. Então perguntou Pedro: "Ananias, como Satanás encheu seu coração, a ponto de você mentir ao Espírito Santo e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade? Ela não lhe pertencia? E, depois de vendida, o dinheiro não estava em seu poder? O que o levou a pensar em fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus". Ouvindo isto, Ananias caiu e morreu. Grande temor apoderou-se de todos os que ouviram o que tinha acontecido. Então os moços vieram, envolveram seu corpo, carregaram-no para fora e o sepultaram.

Cerca de três horas mais tarde, entrou sua esposa, sem saber o que havia acontecido. Pedro lhe perguntou: "Diga-me, foi esse o preço que vocês conseguiram pela propriedade?" Respondeu ela: "Sim, foi esse mesmo". Pedro lhe disse: "Por que vocês entraram em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Veja! Estão à porta os pés dos que sepultaram seu marido, e eles a levarão também". Naquele mesmo instante, ela caiu aos pés dele e morreu. Então os moços entraram e, encontrando-a morta, levaram-na e a sepultaram ao lado de seu marido. E grande temor apoderou-se de toda a igreja e de todos que ouviram falar desses acontecimentos (At 5.1-11 - NVI).

Em meio à generosidade, ao sacrifício e ao altruísmo dos santos de Jerusalém, havia uma exceção. O pecado de Ananias proliferou graças às sementes da avareza e do engano, tornando-se para o livro de Atos o que o pecado de Acã foi para o livro de Josué. Ambos foram atos enganosos, avarentos e egoístas que interromperam o vitorioso progresso do povo de Deus e trouxeram o pecado para dentro do arraial, no auge do triunfo.

Os santos de Jerusalém estavam contribuindo motivados por um coração cheio do Espírito Santo. O pecado de Ananias revelou um coração cheio de Satanás (At 5.3). O contraste entre o mal do quarto capítulo e o começo do quinto dificilmente poderia ser mais

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

dramático.

O nome de Ananias significa "o Senhor é gracioso"; Safira significa "bela". O ato deles foi tudo, menos gracioso e belo. Vendo que outros estavam vendendo suas propriedades e entregando o dinheiro aos apóstolos, eles propuseram fazer o mesmo. O verso 2 nos diz, entretanto, que, na hora de contribuir, "retiveram parte do dinheiro para si". Está claro que os dois estavam envolvidos na trama.

O FERMENTO DOS FARISEUS

Qual foi a motivação deles? Queriam um pouco de prestígio espiritual. Desejavam que *parecesse* estarem contribuindo sacrificialmente e, ao mesmo tempo, guardaram parte do dinheiro para si mesmos. Isso sugere que eles amavam o dinheiro. Paulo escreveu a Timóteo: "O amor ao dinheiro é raiz de todos os males". "Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e atormentaram a si mesmas com muitos sofrimentos" (1 Tm 6.10 - NVI). E esse foi, sem dúvidas, o caso de Ananias e Safira. A carta aos Hebreus nos exorta: "Conservem-se livres do amor ao dinheiro e contentem-se com o que têm, porque Deus mesmo disse: 'Nunca o deixarei, nunca o abandonarei'" (Hb 13.5 - NVI).

Na história de Ananias, encontramos dois personagens que estão tão contaminados pelo amor ao dinheiro, que estão dispostos a conspirar juntos para cometerem uma hipocrisia notória. Venderam sua terra, mas, em vez de entregarem todo o produto da venda ao Senhor, como haviam prometido, deram apenas uma parte, como se fora toda a quantia obtida na venda. Com esse jogo de interesses, pensaram que poderiam ficar com a admiração espiritual e algum dinheiro.

O pecado deles não consistiu no fato de não terem dado todo o dinheiro. Não havia qualquer exigência para que entregassem tudo. Tinham o pleno direito de reter ou dar o que desejassem. Não precisavam sequer vender a propriedade. Toda a oferta era voluntária, como toda a contribuição mencionada no Novo Testamento.

O pecado deles foi a mentira. Evidentemente, fizeram um voto ao Espírito Santo, diante da congregação. Mentiram a toda a congregação, mas, pior do que isso, mentiram para Deus (At 5.4). Talvez pensaram que este seria um pecado secreto, mas não ficou em secreto por muito tempo. O próprio Deus o expôs à congregação.

Sejamos honestos: Esse tipo de hipocrisia não é um pecado incomum. Nem é aquele tipo de pecado que tendemos pensar ser hediondo. Muitas pessoas contribuem sob falsos pretextos. Esse pecado é equivalente ao homem que enrola algumas notas, de forma a que pareçam uma gorda contribuição entre as outras ofertas. Ou ainda, equivale à mulher que faz estardalhaço para entregar seu envelope de ofertas, o qual contém apenas algumas moedas. É como os fariseus que anunciavam suas esmolas com trombetas, nas sinagogas e nas ruas, de forma que todos percebessem (Mt 6.2).

Sobre essas pessoas, Jesus disse: "Já receberam sua plena recompensa" (Mt 6.2,5,16 - NVI). Desejam que os outros vejam sua demonstração de boas obras; e os outros vêem. Esta é a sua recompensa. Buscam a glória dos homens, não a de Deus; portanto, o reconhecimento humano é tudo que receberão. "Mas, quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que a sua ajuda seja prestada em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará" (Mt 6.3,4 - NVI). Podemos ter a impressão de que esse pecado é insignificante, mas Deus não o considera assim. Jesus o chamou de "o fermento dos fariseus" (Lc 12.1). Esse mesmo fermento ameaçava infectar a igreja recém-nascida. Deus haveria de punir este pecado de forma dura e abrupta, enviando a todos sinais acerca da seriedade da vida na igreja.

A RESPOSTA DE PEDRO

Pedro, sob a inspiração do Espírito de Deus, percebeu a hipocrisia deles. Imaginem o choque de Ananias! Ele compareceu perante os apóstolos, colocou sua oferta aos pés deles, declarando-lhes presunçosamente ser aquele todo o dinheiro obtido com a venda da propriedade. É provável que tenha permanecido ali por um momento, deleitando-se no que presumia ser a aprovação dos presentes. Deve ter imaginado que os apóstolos estavam vendo-o como um exemplo de espiritualidade, um homem generoso e piedoso.

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

De repente, Pedro lhe disse: "Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?" (At 5.3) - uma afirmação um tanto confrontadora para um culto na igreja.

Em muitas igrejas, Ananias teria recebido a aprovação que buscava, a despeito de suas intenções. O líder de uma igreja pragmática poderia raciocinar: Afinal, esta é uma considerável quantia de dinheiro. Tudo bem, as intenções dele não são puras; mas, gente, ele não é um sujeito ruim, e nós podemos fazer uso desse dinheiro. Não podemos envergonhá-lo na frente de todos. Se o fizermos, jamais receberemos dele um centavo sequer.

Pedro não pensou assim. Confrontou o pecado diretamente: "Por que encheu Satanás teu coração?" Note que Pedro estava pondo a culpa em Ananias, não em Satanás. "Por quê?", ele perguntou. E novamente: "Como, pois, assentaste no coração este desígnio?" (At 5.4).

Pedro deixou claro que o pecado foi a hipocrisia de Ananias, não o fato de ele ter retido parte do dinheiro: "Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?" (At 5.4). Ananias poderia ter feito o que desejasse com o dinheiro. Poderia não ter vendido a propriedade. Não havia qualquer exigência para que ele fizesse o contrário. Não teria pecado se houvesse dito: "Vendi minha propriedade; eis parte do dinheiro". Ele tinha pleno direito de dar quanto quisesse. Mas ele pecou ao declarar que estava dando tudo, quando, na verdade, guardara parte do dinheiro para si mesmo.

Ananias mentiu a Deus, não apenas aos homens. Mais especificamente, foi uma clamorosa mentira contra o Espírito Santo.¹¹ Como é que ele havia mentido ao Espírito Santo? Fizera o voto de dar todo o valor da propriedade e não cumpriu o seu voto. O sábio, do Antigo Testamento, escreveu: "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. Melhor é que não votes do que votes e não cumpras" (Ec 5.4,5). A lei de Moisés contém um alerta semelhante: "Quando fizeres algum voto ao SENHOR, teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o SENHOR teu Deus, certamente o requererá de ti, e em ti haverá pecado. Porém, abstendo-te de fazer o voto, não haverá pecado em ti. O que proferiram os teus lábios, isso guardarás e o farás, porque votaste livremente ao Senhor, teu Deus, o que falaste com a tua boca" (Dt 23.21-23).

O Juízo de Deus

A resposta de Deus foi imediata, severa e final. Ele matou Ananias no mesmo instante. "Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou" (At 5.5). Foi um ato judicial do Deus santíssimo. Quem sabe o coração de Ananias parou de bater por causa do terror que se apoderou dele. Isto aconteceu diante de toda a congregação.

"Igreja amigável"? Nem um pouco. Aliás, o efeito foi que "sobreveio grande temor a todos os ouvintes" (v. 5). Deus tornara Ananias em um exemplo para aqueles que fossem tentados a brincar com Ele e a macular a pureza da igreja.

Deus sempre julga o pecado dessa forma? É claro que não, mas, como Nadabe e Abiú (Lv 10), Coré (Nm 16), Acã (Js 7), Herodes (At 12) e outros nas Escrituras, Ananias foi imediatamente julgado por seu pecado e pagou com sua própria vida. Deus soberanamente decidiu matá-lo naquela mesma hora. Assim, Ananias tornou-se exemplo para todos. A verdade é que Deus *poderia* punir desta forma todo pecado. "O salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). E por causa das infinitas misericórdias do Senhor que não somos consumidos (Lm 3.22). Algumas vezes, Deus julga o pecado com morte física. Paulo escreveu aos coríntios que estavam deturpando a ceia do Senhor: "Pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem" (1 Co 11.29,30). "Dormem", nesse versículo, refere-se à morte física. Deus estava, na verdade, exercendo juízo sobre aqueles coríntios irreverentes, por meio de doenças físicas e, às vezes, por meio da morte.

No caso de Ananias, entretanto, não houve doença, não houve intervalo de tempo. Ele caiu morto imediatamente. O juízo de Deus foi rápido e aterrorizante.

O Pecado de Safira

As Escrituras declaram: "Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram" (At 5.6). Safira não estava presente quando seu marido morreu. "Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera" (At 5.7). Safira não estava ciente do destino de seu marido e talvez supunha que leria uma entrada triunfal, com todos admirando-a pelo grande ato de generosidade que ela e Ananias haviam praticado.

Pedro confrontou-a imediatamente: "Dize-me, vendeste portanto aquela terra?" Ela respondeu: "Sim, por tanto" (At 5.8). Essa resposta foi uma mentira deliberada, comprovando que ela e o marido haviam conspirado juntos para cometerem um ato premeditado de hipocrisia.

Pedro foi tão objetivo quanto fora com Ananias: "Por que entraste em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão" (At 5.9). Ela nem teve oportunidade de responder. "No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os moços, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido" (At 5.10).

O Juízo Precisa Começar Pela Casa de Deus

Deus leva a sério a pureza da igreja. Essa foi uma lição precoce e inesquecível acerca de como Deus vê o pecado na comunhão dos crentes. Em essência, Deus estava dizendo: "Eu não estou brincando de igreja; não brinco com pecadores; não estou interessado em ser 'amigável'. Desejo retidão, verdade e corações sinceros". Com isso, Ele testemunhou estar realmente falando com seriedade. A igreja não é um "clube" social.

Qual foi, então, o resultado desse episódio? "E sobreveio grande temor a toda a igreja (At 5.11). Naquele dia, houve um cuidadoso auto-exame entre todos os que estavam ligados à igreja de Jerusalém. E a questão era exatamente essa: Deus estava purificando a sua igreja. Ele queria ver seu povo encarando o pecado com seriedade. Tencionava desencorajar a falta de compromisso. Queria que as pessoas o temessem. A igreja se reúne para cultuar a Deus, e isso exige a confrontação do pecado. Neste episódio, Deus nos fornece um modelo básico para a reunião da igreja - o pecado sendo tratado com severidade. A questão não é o que os incrédulos pensam a respeito de tal severidade, e, sim, o que Deus pensa sobre tal iniquidade.

Com certeza, na Jerusalém do primeiro século havia outros pecadores mais vis do que Ananias e Safira. Herodes, por exemplo. Por que Deus não o fulminou? Na verdade, foi o que Deus fez posteriormente (At 12.18-23). Mas, como escreveu Pedro, "a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada" (1 Pe 4.17). Deus julga seu próprio povo antes de voltar sua ira aos pagãos.

Será que a igreja pode evitar o juízo de Deus? Sim, mas somente através do purificar-se a si mesma. Após haver alertado a igreja de Corinto sobre o fato de que Deus, por meio de doenças e morte, estava julgando os seus membros que insistiam no pecado, Paulo lhes afirmou: "Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados" (1 Co 11.31). Em outras palavras, é tarefa dos membros fiéis manter a pureza da igreja. Com toda a franqueza, o ensino desta realidade causa mais impacto sobre os incrédulos do que uma conversa branda e informal cujo propósito é fazê-los sentirem-se bem-vindos e aceitos. Isto deixa os incrédulos cientes de que a igreja é um povo santo e um lugar para os redimidos que amam a retidão, e não para pecadores impenitentes.

Mantemos a pureza ao seguirmos o princípio que Jesus delineou em Mateus 18: "Se teu irmão pecar [contra ti], *vai argüí-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas*, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, *dize-o à igreja*; e, se recusar ouvir também a igreja, *considera-o como gentio e publicano*" (vv. 15-17). Referimo-nos a esse processo como "disciplina da igreja". Pode não parecer um conceito muito "amigável", mas é o que Deus ordena. O objetivo é purificar a igreja e, desta forma, abençoá-la e protegê-la contra o juízo de Deus. Paulo escreveu: "Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo" (1 Co 11.32).

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

Jesus acrescentou: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado no céu. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.18-20). Lembre-se que, nesse contexto, nosso Senhor estava explicando como lidarmos com o pecado na igreja. A verdade é que Cristo realiza a sua própria vontade na igreja *através do processo de disciplina*. "Ali estou no meio deles" significa que Ele mesmo opera em e através dos crentes, a fim de purificar a sua igreja, na medida que estes seguem as orientações delineadas por Ele. O resultado é que os pecadores arrependidos são restaurados (o pecado que cometeram é "desligado" deles), e os pecadores impenitentes são denunciados e expulsos da comunhão (o pecado que cometeram permanece "ligado" a eles). Se não seguirmos este processo e, conseqüentemente, não mantivermos a igreja pura, o Senhor intervirá com juízo (1 Co 11.30).

Conhecendo o Temor do Senhor, Persuadimos os Homens

Eis o ponto saliente na história de Ananias e Safira: O juízo de Deus contra eles produziu um efeito que foi além da igreja de Jerusalém - "E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram notícia destes acontecimentos" (At 5.11). O versículo 13 relata que os incrédulos não ousavam associar-se a eles! Isto é precisamente oposto à filosofia da "igreja amigável" que é tão popular em nossos dias. Em vez de atrair os incrédulos à igreja, por fazê-los sentirem-se bem e seguros, Deus usou o temor para mantê-los afastados.

O temor a Deus foi uma doutrina central na igreja primitiva assim como o fora no Antigo Testamento. Incrédulos e crentes foram igualmente ensinados a temê-Lo. Ninguém senão um tolo haveria de tratar a Deus com frivolidade. Era este temor que atraía as pessoas à salvação, conservando-as em obediência. A salvação não vem do simples querer participar da alegria e acabar com a dor emocional; vem quando o coração clama por libertação do pecado!

O movimento contemporâneo da "igreja amigável" almeja exatamente o contrário. Ao invés de suscitar o temor a Deus, procura retratá-Lo como um Deus "legal", festivo, pacato, manso e permissivo. Pecadores arrogantes, que com grande temor deveriam se aproximar de Deus (cf. Lc 18.13), são encorajados a abusarem da graça de Deus. Os pecadores nada ouvem acerca da ira divina. Isto é tão errado quanto pregar uma heresia.

Conforme o que aprendemos do episódio de Ananias e Safira, a ira de Deus não pode ser vista com leviandade. Pedro escreveu: "Se [o julgamento] primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?" (1 Pe 4.17). Paulo falou da ira divina como sendo uma das primeiras motivações para o evangelismo: "E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens" (2 Co 5.11).

Para Onde a Filosofia da "Amigabilidade" Está Levando a Igreja?

A filosofia da "igreja amigável" é uma curva fechada em direção a um caminho errado para a igreja. Estou convicto de que o menosprezo à adoração, às Escrituras e à teologia, em última análise, resultará em um sério comprometimento doutrinário. Aliás, isso talvez já esteja ocorrendo. Líderes cristãos que se identificam como evangélicos estão começando a questionar doutrinas fundamentais como o inferno e a depravação humana.

Um dos movimentos mais populares da atualidade abraça uma doutrina conhecida como "imortalidade condicional", semelhante à doutrina do aniquilamento.¹² É a crença de que os pecadores não redimidos, em vez de passarem a eternidade no inferno são simplesmente erradicados. Encaixando-se perfeitamente à filosofia da, "igreja amigável", esse ponto de vista ensina que um Deus misericordioso não poderia consignar ao tormento eterno seres criados por Ele. Portanto, em lugar disso, Deus os elimina por completo.

A "imortalidade condicional" e a doutrina do aniquilamento não são idéias novas. A história nos mostra, todavia, que a maioria das pessoas e movimentos que adotam a

www.espacodabiblia.com

Extraído do livro "Com Vergonha do Evangelho", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

doutrina do aniquilamento não se mantêm ortodoxas. Negar a eternidade do inferno é equivalente a arrancada em direção ao declínio.

Spurgeon atacou a "imortalidade condicional" considerando-a um dos grandes erros do declínio do século dezenove. Ele afirmou: "aqueles que negam a eternidade do inferno também destróem a esperança de um céu que, a todo momento, temos esperado. É claro que a recompensa dos justos não deve ter maior duração do que o castigo dos ímpios. Ambos são descritos como eternos no mesmo versículo (Mt 25.46); e estas palavras foram proferidas pelos mesmos lábios sagrados. Portanto, visto que o castigo é descrito como duradouro por toda a eternidade, assim também deverá ser a vida".¹³

As Escrituras declaram: "O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelo séculos dos séculos" (Ap 20.10). Jesus falou a respeito do homem rico que "no inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama" (Lc 16.23,24). Foi também Jesus quem disse: "E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois, seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" (Mc 9.47,48). E Apocalipse 14.11 descreve o estado eterno daqueles que seguirem o anticristo, na tribulação: "A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome". Em todas as Escrituras, o próprio Senhor Jesus foi o ensinador mais prolífico acerca do inferno. Ele falou mais acerca deste assunto do que todos os apóstolos, profetas e evangelistas juntos.

A pregação que menospreza a ira de Deus não enriquece o evangelismo; pelo contrário, prejudica-o. A urgência do evangelho fica irremediavelmente perdida quando o pregador nega a realidade ou a severidade da punição eterna. A autoridade das Escrituras é comprometida quando uma porção tão grande dos ensinamentos de Jesus precisa ser negada ou atenuada. A seriedade do pecado é depreciada por tais doutrinas. E, desta forma, o evangelho é subvertido.

Quão profundamente a tendência de se negar a existência do inferno já penetrou o evangelicalismo? Uma pesquisa feita entre seminaristas evangélicos revelou que aproximadamente a metade deles - 46 % - sente que pregar acerca do inferno aos incrédulos é "de mau gosto".¹⁴ Pior do que isso, três em cada dez dos pesquisados que professam ser "nascidos de novo" crêem que as pessoas "boas" irão para o céu quando morrerem, ainda que não creiam em Cristo.¹⁵ Um entre dez evangélicos afirmou que o conceito de pecado está fora de moda.

Muitos dos que abraçaram a filosofia da "igreja amigável" não ponderaram cuidadosamente como esta é incompatível com verdadeira teologia bíblica. Em sua natureza, trata-se de uma visão pragmática, e não bíblica. Baseia-se precisamente no mesmo pensamento que está corroendo o âmago da doutrina ortodoxa. Está conduzindo o evangelicalismo ao neo-modernismo e encaminhando as igrejas a um rápido avanço rumo ao declínio.

A resposta, é claro, não é uma "igreja não-amigável", e, sim uma comunhão vibrante, amável, honesta, adoradora comprometida de crentes que ministram uns aos outros, assim como a igreja de Atos 4, mas que se abstém do pecado; onde os crentes se mantêm responsáveis uns pelos outros e que ousadamente proclamam a verdade completa das Escrituras. As pessoas que não amam as coisas de Deus talvez não achem tal lugar muito "amigável". Mas a bênção do Senhor estará sobre essa comunhão de verdadeiros crentes, pois foi isso que Deus ordenou que a igreja deve ser. E, como prometeu, Ele *haverá* de acrescentar pessoas à igreja.

Capítulo 2

1 "Another Word Concerning the Down-Grade", *The Sword and the Trowel* (agosto, 1887), pp. 397-398.

2 Citado em John Dart, "Protestant Churches Join the Fold, Fill Pews with Saturday Services", *Los Angeles Times* (15 de setembro, 1991), B3.

3 (Ventura, Califórnia, Regal, 1991), pp. 1,15-16.

4 George Barna, *Marketing the Church* (Colorado Springs, Colorado, NavPress, 1988), p. 51.

5 Ibid., p. 33.

6 Ibid., p. 45.

7 Russel Chandler (11 de dezembro, 1989), A1.

8 Mike McIntyre, *The San Diego Union* (6 de novembro, 1988), D8.

9 "Designed by the Holy Spirit to Forever Change Christian Television" (advertisement), *Religious Broadcasting* (outubro, 1992), pp. 4-5.

10 "In Spirit and in Truth", *Religious Broadcasting* (dezembro, 1992), p. 12.

11 Esta passagem é uma das provas da divindade e da personalidade do Espírito Santo. No verso 3, Pedro declara a Ananias que ele havia mentido ao Espírito Santo. No verso 4, ele diz a Ananias: "Não mentiste aos homens, mas a Deus". O Espírito Santo é Deus. Portanto, ao mentir aos apóstolos sobre aquilo que estava fazendo, Ananias cometeu uma grande ofensa contra o Espírito Santo.

12 A "imortalidade condicional" ensina que a alma humana não é inerentemente imortal. Desta forma, aqueles que são condenados, no Julgamento, experimentam o aniquilamento; enquanto os justos recebem a imortalidade. *A Doutrina do Aniquilamento* ensina que todas as almas são imortais, mas os ímpios perdem sua imortalidade no Julgamento.

13 "Progressive Theology", *The Sword and the Trowel* (1888), p. 15.8.

14 James Davison Hunter, *Evangelicalism: The Coming Generation* (Universidade de Chicago, 1987), p. 40.

15 George Barna, *The Barna Report* (Ventura, Califórnia, Regal, 1992), p.52.